

A luz rompe o silêncio do invisível: desvenda ausências no contorno do arvoredado, recorta geografias nas camadas de tinta da parede, acolhe o movimento dos pássaros e a inércia sanguínea de carcaças sem vida. Em **Preto, branco** – um percurso fotográfico de duplo acesso –, a fotografia abre caminho para o imaterial. Sob o domínio do preto, Monica Mansur revisita certos enigmas da ausência. Nas intensidades do branco, Claudia Tavares demarca a transitoriedade no luminoso. No encontro das páginas de sentido contraposto, a experiência do sublime – que permeia ambas as séries fotográficas – cria um inesperado horizonte.

No céu em contraluz, a luminosidade do dia leva a uma cegueira, paradoxalmente reveladora – na leveza dos pássaros encontra caligrafias transitórias. Nessas escrituras voláteis, o enquadramento fotográfico de Tavares quer transpor o documental, decifrar o desafio vital do voo, a coerência das migrações, forças que o olhar, apenas, não poderia alcançar. Reconsiderando a luminosidade como véu que tanto ilumina como apaga as escrituras do tempo na construção prestes a desaparecer, a artista captura as ondulações da monumental tela protetora como se fossem pinceladas intensas e invasivas lançadas na sombria arquitetura. Em **Manta branca**, costuras, dobras e amarrações regem o encontro entre o desabitado e a intensidade que a luz do dia vem trazendo. As irradiações do branco levam a que ruínas pulsem e respirem, mesmo depois da queda.

Algo espera para ser revelado nas discretas irregularidades que vivem na superfície das paredes. O ornamento de andorinhas, em **migração**, simula o voo que também a fotografia dessas pinturas quer perpetuar, apontando tanto o acúmulo como a movimentação de camadas em torno do que acreditamos ser o 'real'. Em **Despintura**, quadro a quadro, essas camadas vão sendo escavadas por Tavares, que se deixa capturar na imagem, em busca de mundos imaginários, porém densos, essenciais, guardados nas paredes de sua própria casa. Enquanto remove com a espátula a tinta ressecada, demonstra a formação da paisagem ao avesso. Entre realidade e ficção se interpõem imagens de **territórios, cartografias e afins** delimitados por sutis acidentes do branco sobre branco que o ato fotográfico adensa e reconfigura. Mas a neblina em **Suspensão** (etérea veladura) vai esmaecendo a presença dos objetos comuns, aproximando-os (e também a fotografia) da ficção, de um tempo apenas anunciado. Na transição e no confronto entre claro e escuro, branco e preto, Tavares e Mansur evocam o sublime, exploram a paisagem como experiência de distanciamento da evidência da fotografia.

Mansur captura, com câmera *pinhole*, enquadramentos deslocados da mesma vereda. Simula, com a apresentação simultânea, a imagem estereoscópica e 'realiza', em seu difuso abandono, **considerações sobre o sublime**. Em **Horizontes lineares – Retorno**, a edição digital rebate o céu como espelho d'água, ambos imateriais. A remontagem da série fotográfica na página traça um horizonte a partir do qual reverbera o sublime que o declínio do dia prenuncia em **O céu pode esperar – Pretérito passado**. Nessas imagens, o brilho lunar deixa seu rastro no negativo, configurando um percurso inesperadamente irregular, próximo da imprevisibilidade das nuvens que filtram a última luminosidade do poente. No instante em que observamos diretamente o céu, o horizonte, essa linha que nos assegura a inclusão em um mundo, se ausenta. Mas a consciência dos limites é reintroduzida por Mansur com a montagem fotográfica que recorta um tempo futuro no céu latente.

Enquadramentos similares da mesma ondulação das montanhas, em tempo muito próximo, desdobram um estendido encontro entre céu e terra. Por meio da construção imaginária de uma geografia inabitada, **Paisagem descontínua** remonta à redundância da imagem fotográfica em relação a seu referente. Entre o próximo e o

distante, sombra e luz, paisagens são construídas. Em **Esquecimento**, linhas em contraluz traçam direções que antecipam uma visão através das múltiplas janelas. Porém, os sedimentos sobre as vidraças atrasam o encontro com o outro lado, apenas entrevisto pelos vãos. No encadeamento das páginas de Preto, essa grade desafiada pelo tempo marca a passagem do sublime para o trágico. A sanguínea **Suíte holandesa**, homenagem a Rembrandt, investiga o lastro sombrio do efêmero: a finitude contra a qual a dimensão estética quer se rebelar.

Sabemos que a fotografia é um objeto entre tantos outros que colecionamos: esculturas, relíquias, pinturas. Em **Cópia original – Deuses vencidos**, Mansur desperta a temporalidade perdida do retrato. Porém, ao adotar o branco da estatuária como substituto da carne (o original da cópia) diante do inanimado, reconsidera o discutido 'real' da fotografia. A imobilidade da fotografia seria como o resultado de uma confusão perversa entre dois conceitos: o real e o vivo. Como nos lembra Barthes, a fotografia é impenetrável, pois a evidência da imagem apresenta seu objeto como algo que 'foi', que não está mais.

Como a sombra está na luz, o movimento está no repouso. Trilhas abertas em Branco e a profundidade de Preto entrecruzam-se. Os dois percursos aqui justapostos investigam poéticas da ausência e da distância. Seguem direções correlatas, em sentidos distintos, mas tocadas por sutis ressonâncias. Ambas vislumbram o limiar entre a finitude e o ilimitado que o olhar quer alcançar. Afinal, ao constituirmos paisagens, suas sutilezas e diferentes grandezas, buscamos a configuração de um mundo que possamos habitar, um termo que concilie nosso próprio corpo ao que, fora dele, não se pode medir. Nessa atividade que integra o real e o imaginário, Tavares e Mansur perseguem, para além da imagem, um tempo que escapa. Rondam certos limiares da condição humana como se percorressem a borda de uma cratera na qual não se pode penetrar.